

CONJUNTURA

The Economist critica Dilma

Publicação britânica dedica 14 páginas ao país, diz que a presidente da República assusta investidores e pergunta: o Brasil perdeu o rumo?

Desgovernado. Assim a revista britânica *The Economist* retrata o Brasil na sua edição desta semana para a América Latina. Na capa, um foguete representado pelo Cristo Redentor aparece sem direção e vem acompanhado da pergunta *Has Brazil blown it?* (O Brasil perdeu o rumo?, em livre tradução) — o mesmo Cristo já havia simbolizado o país na publicação, em 2009, mas com outra conotação: a de um foguete rumo ao alto e avante. A reportagem especial de 14 páginas é assinada pela correspondente Helen Joyce.

“Na década de 2000, o Brasil decolou e, mesmo com a crise mundial, cresceu 7,5% em 2010. No entanto, tem parado recentemente. Desde 2011, o país conseguiu apenas uma expansão anual de 2%. Seus cidadãos estão descontentes — em julho, eles foram às ruas para protestar contra o alto custo de vida, os serviços públicos deficientes e a corrupção dos políticos”, diz a reportagem.

“Pode Dilma Rousseff, a presidente do Brasil, reiniciar os motores?”, indaga. “Será que a Copa do Mundo e as Olimpíadas oferecerão ajuda para a recuperação do Brasil ou simplesmente trarão mais dívida?” Irônica, a publicação chama a presidente de “Dilma Fernández”, sobrenome de Cristina Kirchner, presidente da Argentina.

A ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, comentou o especial da *Economist*. Ela disse que o mundo está em crise e o Brasil, assim como seus principais parceiros comerciais, se ressentiu disso, sem, contudo, aumentar o desemprego. “A Europa está em dificuldades, a China começou a se recuperar e os Estados Unidos também. Mas os problemas ainda são graves”, comentou. Procurado, o Ministério da

Fazenda não quis se manifestar.

Paulo Nogueira Batista, diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o Brasil e outros países, disse que esta capa da revista britânica é tão exagerada quanto a 2009, sobre o boom do país. “O Brasil passou por uma fase de grande sucesso, no qual era moda. Havia algum exagero. Agora, estamos indo para o extremo oposto”, comentou, ressaltando que falou em nome próprio e não como representante do FMI. O economista até admite que a dificuldade de retomada da atividade nacional em 2012 e 2013 surpreende, mas avalia que os sinais de melhora começam a aparecer.

Para ele, as preocupações de investidores estrangeiros com o efeito da retirada de estímulos da economia norte-americana são “exageradas”. Ele destaca que o Brasil continua sendo um dos maiores destinatários de Investimento Estrangeiro Direto (IED) e que apenas o capital de curto prazo deve sentir os efeitos das mudanças nos EUA.

Dólar sobe e bolsa cai

O dólar fechou ontem em alta ante o real, sobretudo por causa dos sinais de fortalecimento da economia norte-americana, que cresceu 2,5% no segundo trimestre do ano. A divisa norte-americana fechou cotada a R\$ 2,246 para venda, com valorização de 0,75%. A Bolsa de Valores de São Paulo, por sua vez, ficou abaixo dos 54 mil pontos — queda de 0,88% —, puxada pelo recuo expressivo dos papéis da petroleira OGX (retração de 16,21%).



As capas da revista em 2009 e nesta semana: do progresso à frustração

Semestre mais fraco

O panorama econômico construído a partir dos recentes indicadores do Brasil levou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a fazer uma projeção cautelosa. O estudo Carta de Conjuntura, divulgado ontem, prevê que o Produto Interno Bruto (PIB) do país deve desacelerar no segundo semestre de 2013, após registrar um pico de expansão de 1,5% no segundo trimestre do ano ante o período imediatamente anterior.

De acordo com Fernando Ribeiro, coordenador do estudo, o desempenho entre maio e junho foi fundamental para uma recuperação em relação aos baixos níveis de 2012, mas “é normal nos trimestres seguintes ter um crescimento mais fraco e uma acomodação”. O peso dessa avaliação mais ponderada está, sobretudo, na tendência de queda da produção industrial e dos índices de confiança do empresariado e

dos consumidores, além da perda de dinamismo do mercado de trabalho dos últimos meses.

Sem apetite

“Paramos de ter crescimento expressivo no ganho real dos salários, e isso impacta mais no nível de consumo”, afirmou Ribeiro. A alta da inflação e a redução do crédito também contribuem para reduzir o apetite dos brasileiros pelas compras, analisou o pesquisador. Apesar disso, o técnico do Ipea ressaltou que o consumo das famílias “não deixa de crescer”, em resposta às críticas sobre o esgotamento do modelo de expansão voltado a esse segmento.

Ele acredita, contudo, que, independentemente dos próximos resultados da atividade econômica, a expansão acumulada no ano fique em 2,5%, pelo efeito carry over (do carregamento estatístico do ano anterior).

Lucro, apesar da crise

» VICTOR MARTINS

Listados entre os mais rentáveis do mundo, os bancos no Brasil têm se mostrado, com base nos seus resultados, resistentes. Nem mesmo a perda de R\$ 94,6 bilhões em ativos no primeiro semestre do ano impôs prejuízo a eles. Segundo o Banco Central, a crise de marcação a mercado — que teve o auge entre abril e junho, quando os títulos públicos perderam valor e o dólar disparou frente ao real — foi a principal responsável por esse estrago bilionário. Ainda assim, de acordo com a autoridade monetária, o lucro líquido do sistema cresceu moderadamente: ficou em R\$ 59,7 bilhões no acumulado dos 12 meses encerrados em junho.

Anthero Meirelles, diretor de Fiscalização do BC, explica que, além da marcação a mercado de alguns títulos — quando um papel é contabilizado no patrimônio pelo valor de negociação, seja para mais ou para menos —, as instituições financeiras foram obrigadas a dar garantias maiores em operações na bolsa, por causa das fortes mudanças nos juros e no dólar. “Isso se reflete no sistema. Mas, como tem sido mostrado, ele resistiu bem, enfrentou o teste de

estresse real com muita segurança e folga”, argumentou. O executivo garantiu ainda que nenhum banco apresentou problema de liquidez no período.

Apesar da resistência das instituições financeiras, Meirelles não minimizou o estresse desencadeado com a possibilidade de o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) reduzir a injeção de recursos mensais na ordem de US\$ 85 bilhões nos Estados Unidos. “Embora o Fed não tenha desmontado os estímulos, um mero anúncio impactou o câmbio e os juros”, disse.

Tendência

O diretor do BC fez referência a 2008, quando a crise derrubou vários bancos. Segundo ele, o quadro é completamente diferente agora. “Os bancos, hoje, estão menos alavancados, houve alongamento de prazos das dívidas. A situação de liquidez do sistema melhorou e não temos mais problemas com derivativos tóxicos”, defendeu Meirelles. “Lucro e rentabilidade permaneceram robustos”, afirmou. Ele alertou, no entanto, que a perspectiva é de moderação no desempenho das instituições financeiras.

Justiça bloqueia FGC do Rural

A Justiça do Trabalho de São Paulo bloqueou o pagamento que o Fundo Garantidor de Crédito (FGC) faria a credores do Banco Rural, com liquidação decretada pelo Banco Central desde agosto deste ano. Em função de uma operação entre a instituição financeira com problemas e a empresa aérea Vasp, em falência, um juiz decretou a restrição. O empresário Wagner Canhudo Azevedo, ex-dono da companhia aérea, teria vendido R\$ 120 milhões em cabeças de gado para o banco. A Justiça quer os recursos para pagar dívidas trabalhistas pendentes na Vasp.